

---

## A CONTRIBUIÇÃO DO PIBID NA FORMAÇÃO DE LEITORES E FUTUROS DOCENTES

---

Rosimeire Bernardo da Silva<sup>1</sup>  
Maciano Monteiro da Silva<sup>2</sup>

### Apresentação

O presente relato de experiência resulta do trabalho com enfoque na formação de leitores e futuros docentes, desenvolvido na Escola Municipal Salomé da Rocha Barros, mediante o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Baseados nas experiências em sala de aula, observamos que, apesar de ser uma preocupação de toda escola desenvolver atividades que contribuam para a formação de leitores, tal formação tem esbarrado em algumas resistências, tais como: o ingresso, cada vez mais precoce, do aluno no mundo virtual, sendo que quase não há a utilização dessa ferramenta para a leitura de livros digitais, o próprio desinteresse e não-gosto pela leitura, bem como a carência na metodologia utilizada pelo próprio professor para introduzir o aluno no mundo da leitura. Dessa forma, este relato de experiência tem como objetivo mostrar as dificuldades encontradas no momento de realizar as mediações de leitura, ao mesmo momento em que se propõe a relatar a mudança de comportamento/desenvolvimento de alguns educandos por meio das mediações de leitura ofertadas.

É importante ressaltar que foi a indisciplina da maioria dos alunos que nos impulsionou a pesquisar, construir estratégias para inseri-los, cada vez mais, em nossas mediações e, conseqüentemente, despertar o gosto pela leitura. Sendo assim, em nossas mediações visamos, sobretudo, a inserção do aluno no mundo da leitura, possibilitando ao educando, além de habitar outros mundos, o aprimoramento de algumas habilidades, tais como: escrita, produção, interação e interpretação textual. Além dessa notável contribuição para o aluno de escolas públicas, as mediações também permitem ao graduando adquirir experiência e possibilidades de sempre inovar.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Português pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, Professora da Escola Municipal Padre Donald Robert Macgillivray, rosy\_pjmp@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, macianomonteiro@outlook.com



## Caracterização da Escola

A Escola Municipal Salomé da Rocha Barros está situada na Rua Lindolfo Gomes Cabral, 590, bairro Roberto Correia de Araújo em União dos Palmares/AL. A escola da rede municipal tem 1359 alunos no Ensino Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e EJA.

A referida instituição funciona os três horários e está localizada em um bairro periférico, cuja comunidade é formada por pessoas de baixo poder aquisitivo. As crianças, em sua maioria, com deficiência alimentar, necessitam ir à escola, entre outros motivos, pelo fato de aí poderem se alimentar.

Os pais, em sua maioria, são trabalhadores rurais, cozinheiras, domésticas, com alto índice de analfabetismo e, atualmente, desempregados.

O quadro social da comunidade escolar é bastante heterogêneo. Alguns alunos são assistidos por projetos sociais, como o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) e o Bolsa-escola do Governo Federal.

Os alunos que frequentam o turno noturno da escola são principalmente feirantes, trabalhadores rurais, carroceiros, pedreiros, padeiros, empregadas domésticas e comerciários. Esses alunos estão fora da faixa-etária em relação às séries de estudo, em sua maioria demonstra pouco rendimento, o que contribui de maneira significativa para o seu regresso. Muitos desses educandos não têm perspectiva de um padrão de vida melhor.

É importante mencionar que, segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, existe um grande número de professores que atuam em áreas para as quais não estão habilitados. Este fato ocorre porque a Secretaria Municipal de Educação designa professores que já fazem parte do quadro de magistério para suprirem as carências de profissionais docentes.

Nossas mediações de leitura foram realizadas em uma turma do 7º ano da Escola Municipal Salomé da Rocha Barros. A classe era bastante numerosa, composta por alunos, cuja idade variava de 13 a 15 anos. A situação socioeconômica dessa turma não difere das demais da escola, visto que boa parte dos alunos são filhos de trabalhadores, cuja renda familiar não passa de um salário mínimo.

A aludida turma, no início, demonstrou resistência em participar das mediações, já que envolvia leitura e muitos não simpatizavam com atividades desse gênero. O interesse em escutar as histórias, em fazer uma leitura colaborativa era mínimo, o que nos forçou a mudar de estratégia tirando os alunos da posição de meros observadores para protagonista de todas as nossas atividades.



## Fundamentação teórica

Apresentar ao aluno uma nova concepção de leitura foi uma das metas que almejamos alcançar com as mediações de leitura, mas é importante salientar que se constituiu em um grande desafio, visto que os educandos, que participaram das mediações de leitura, tinham construído uma enorme barreira quando se tratava do próprio ato de ler, isso, na maioria das vezes, se deve ao fato de que muitos educadores, mesmo tendo formação, fizeram da leitura uma atividade tediosa e pouca atraente.

Essa nova concepção de leitura recai em dois mundos: o das práticas tradicionais quando o professor transforma a leitura, que seria prazerosa, em desencanto, visto que se utiliza desta, exclusivamente, para as análises gramaticais, forçando os alunos a identificarem, por exemplo: complementos verbais, sujeitos, adjuntos adnominal e adverbial, locuções, advérbio, predicado etc. O que culminaria, simplesmente, em uma imposição de leituras, já que o educador era o único a escolher os textos sem permitir a participação do aluno nessas decisões e o faz com uma única finalidade: a decodificação. Logo, se o aluno ler por obrigação essa leitura não lhe trará nenhum prazer, porque, ele não está sendo livre para escolher o livro de sua preferência e nem tão pouco o professor está lhe proporcionando essa liberdade. Sobre essa prática calcada na imposição e não no prazer, enquanto referencial teórico, Lara Conceição Bitencourt Neves e outros organizadores propõem no livro *Ler e escrever compromissos de todas as áreas* que:

Essa é a prática que rejeitamos: as atividades de leitura e escrita, nas diversas modalidades, transformadas em ritual burocrático, no qual o aluno lê sem poder discutir, responde questionários mecanicamente e escreve textos buscando concordar com professor. O que desejamos é um aluno – e também um professor – leitor e produtor de textos. (NEVES, 2011, p. 11)

Sendo assim, a concepção de leitura e de escrita presente no aludido livro requer uma prática progressista, o professor é visto como o mediador de todos os momentos, é aquele que, além de colocar o livro em cena para que o contato entre o aluno e o objeto livro aconteça, também se apresenta como leitor assíduo que não faz apenas suas leituras individuais, como também compartilha o seu gosto e interesse com os educandos em sala de aula. Além disso, ainda possibilita que estes tenham a liberdade de expressar o seu gosto e interesse também, para que assim, por meio dos livros, possam habitar outros mundos, sentir outros cheiros, se envolver com as personagens de um conto, romance, crônica. Como bem já colocava Lionel Bellenger, em seu livro *Métodos de leitura*:

Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, deporta-se para uma ficção, abrir o parêntese do



imaginário. Ler é muitas vezes trancar-se (no sentido próprio e figurado). É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo dos ouvidos (as palavras ressoam). As pessoas leem com seus corpos. Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, é esperar alguma coisa. É um sinal de vida, um apelo, uma ocasião de amar sem a certeza de que se vai amar. Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer (BELLENGER, 1979, p.17).

Como os educandos que participaram das nossas atividades fazem parte da classe oprimida, o livro também poderia ser usado como instrumento de fuga, libertação e de reconhecimento como é proposto por Bellenger na citação acima. Se reconhecesse no mundo da ficção as próprias patologias sociais que habitam seu mundo exterior, o educador não estaria formando apenas leitores assíduos, como também críticos, questionadores e com poder pleno de discussão.

### Descrição da experiência

É incontestável a importância e contribuição do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) para a formação de futuros professores. O aludido programa nos possibilita conhecer todos os segmentos da escola, visto que nos coloca em contato direto com esta e todas as suas particularidades. Ao realizarmos os estágios supervisionados, constantes nas grades curriculares dos cursos de Geografia e Letras (únicos cursos ofertados pela UNEAL – Campus V), pudemos observar o quanto uma sala de aula pode ser heterogênea e o quanto isso pode dificultar o trabalho do professor.

Com o PIBID, que podemos considerar como uma extensão do estágio, a possibilidade de solucionar alguns problemas que aparecem nas salas de aula é ainda maior, devido ao tempo que passamos com os alunos. Não nos esquecemos de mencionar que, ainda, adquirimos uma visão mais ampla do contexto escolar, o que faz crescer, ainda mais, a nossa experiência em sala de aula, iniciada com os estágios.

Para embasar o nosso trabalho, iremos inserir uma das mediações realizada no dia 20 de agosto de 2015, na turma do 7º “B” da Escola Municipal Salomé da Rocha Barros, na qual trabalhamos com algumas lendas folclóricas, mais especificamente a do Boto e a da Mula-sem-cabeça. Escolhemos trabalhar com o gênero mencionado acima para mostrar o quanto é rico o folclore brasileiro.

Como em todas as mediações, organizamos a sala em círculo e a ornamentamos com um tapete de TNT colorido e desligamos as luzes, o que tornou o ambiente ainda mais propício para a contação de história. Como estamos no mês do folclore e todas as escolas do município estão trabalhando o tema, resolvemos desenvolver a nossa mediação de acordo com a data comemorativa do momento. Enquanto aquecimento, desafiamos os educandos a acertarem as adivinhações levadas



e os convidamos para participarem lançando algumas que eles sabiam para que o restante da turma e os mediadores adivinhassem a resposta.

Em seguida, o mediador Maciano surge interpretando um velhinho sabido de chapéu e bigode branco. Entra, senta em uma cadeira e convida os alunos para sentarem mais próximos a ele, no tapete posto, para que pudessem escutar, de um modo mais aconchegante, as lendas que ele tinha para contar. Quase todos os alunos sentaram e ficaram bem atentos às histórias do Boto e da Mula-sem-cabeça que estavam sendo narradas. Ao término, pedimos para que eles fossem os contadores de história, foi assim que o aluno Tércio deu um show contando a lenda assustadora de João. Todos gostaram muito. Ao término, enquanto desdobramento de língua portuguesa, pedimos para que eles produzissem um pequeno texto falando sobre o folclore, já que tinham estudado muito sobre o referido assunto. Entregamos a cada um a folha de produção e a maioria realizou a atividade proposta. No segundo momento, Maciano realizou os desdobramentos referentes à disciplina de geografia. O referido mediador explicou alguns pontos interessantes sobre as lendas do Boto e, em seguida, da Mula-sem-cabeça, tais como: espaço, recursos hídricos (a bacia amazônica e seus afluentes), a fauna, tempo e lugar.

Depois da explicação, Maciano entregou a cada aluno um questionário com base na explicação que ele tinha dado e prometeu premiar aquele que tivesse acertado todas as questões. Os alunos levaram para responder e entregar na expectativa de ser o ganhador. Dessa forma, trabalhamos em nossa mediação, além da leitura, produção textual e interpretação com base, também, nos conhecimentos relacionados à geografia. Essa disciplina aliada aos textos literários permite ao aluno uma reflexão mais intensa sobre a própria realidade em seus diversos âmbitos político, social e cultural:

A literatura, aliada, ao olhar geográfico, com certeza forma um binômio que possibilita aos alunos e alunas lerem o mundo nas suas complexidades e dinâmicas. Na aula de geografia, pode-se tomar a obra literária como um dos subsídios para entender os contextos do lugar (espaço que dá identidade ao sujeito) e as interações que este espaço tem com outras partes do país e do mundo (relações de escala). As tramas literárias representam a pessoa “comum”, seus dramas e seus espaços cotidianos (o lugar) (NEVES, 2011, p. 69).

O que antes era pouco visível, atualmente está mais nítido para os professores: o quanto as disciplinas dialogam entre si, o que possibilita ao aluno e ao educador explorar de diferentes formas um mesmo texto, desmitificando a ideia de que trabalhar a leitura por meio de textos literários, bem como a escrita compete apenas ao professor de língua portuguesa, quando obras literárias estão repletas de aspectos geográficos.



É interessante destacar que relacionado ao forte desinteresse pela leitura também estava o problema da indisciplina. Então, tínhamos dois problemas para tentar solucionar mediante as nossas atividades. Quando se trata dessa falta de interesse em ler, não podemos deixar de mencionar que isso, na maioria das vezes, está relacionado ao momento em que estamos vivendo, visto que é mais interessante para os alunos ocupar todo o seu tempo livre nas redes sociais, jogando, já que tudo está mais acessível, do que propriamente se dedicar à leitura. Isso não deveria se constituir em um problema se fossem apresentadas ao aluno as várias possibilidades de explorar o mundo virtual, inclusive para a leitura, mostrando-lhe que além dos sites, jogos, redes sociais, também existem os livros digitais. O próprio professor poderia utilizar as novas tecnologias como recurso didático e pedagógico para contribuir no processo de aprendizagem, como bem externa Neves:

Ler e escrever, no mundo atual, imerso em novas tecnologias e em novos veículos de informação, vai além do domínio da palavra escrita. Em todas as áreas, é importante estimular o ler em novos documentos, a competência para a identidade e a intimidade com os recursos tecnológicos em expansão. Escrever ou comunicar-se via computador, localizar informações em rede, ler imagens e novos mapas já são hoje habilidades necessárias ao cotidiano (NEVES, 2011, p. 98).

Neste caso, ao invés de afastar o educando do mundo virtual, o professor deve aproximá-lo com a finalidade de aprimorar a leitura e a escrita.

Como os alunos já tinham construído uma enorme barreira em relação ao próprio ato de ler, começamos com pequenos textos exibidos em slides para depois trabalharmos com o objeto livro, sendo que todos os textos estavam relacionados com os conhecimentos de mundo dos educandos, pois compreendemos que é preciso, antes de tudo, levar em consideração as experiências do educando, o contexto no qual ele está inserido para que se possa despertar, com mais êxito, o gosto pela leitura, já que é este o assunto em questão. Quando se trata da experiência que se materializa no ato de relembrar os fatos vividos e da leitura do contexto antes mesmo da leitura da palavra, Freire, partindo de sua própria experiência, afirma que:

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me movia e até onde não sou atraído pela memória, me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós, à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores. (FREIRE, 2005, p.14).



É pensando nas ideias de Freire que percebemos a importância de sempre considerar as experiências do mundo particular de cada aluno, trazidas por este para o espaço da sala de aula, o que contribui de maneira significativa para o fortalecimento da relação entre livro e leitor.

Sendo assim, o trabalho desenvolvido nos dois anos de mediação de leitura ofertada nas turmas do ensino fundamental, nos possibilitou a aquisição de novas experiências que, sem dúvidas, irão nos ajudar a desempenhar um excelente trabalho quando estivermos em sala de aula, reafirmando sempre o compromisso com a aprendizagem e a formação de sujeitos críticos e atuantes.

Quanto à indisciplina se deve, sobretudo, aos problemas vivenciados dentro do próprio lar, que vai desde a falta de atenção e cuidado por parte dos pais até a violência física e psicológica cometida por estes, o que resulta em alunos violentos, desinteressados pelos estudos e sem perspectiva alguma.

Trabalhar em uma turma, cuja maioria dos alunos apresentava esse perfil foi desafiador e, muitas vezes, desmotivador. O grande ponto positivo foi perceber que esses educandos nos ensinaram a buscar sempre novas estratégias para motivá-los e estudar e participar de nossas atividades.

### Avaliação dos resultados

Com base nas mediações facilitadas, percebemos que dar atribuições aos alunos era o caminho para uma mediação mais participativa e dinâmica. Foi pensando nisso que ao planejarmos os momentos seguintes que teríamos com os educandos, focamos em atividades que possibilitassem uma participação efetiva deles e para dar início a esse novo momento, decidimos trabalhar por um mês o gênero poema, e nos exercícios propostos os educandos colaboraram: lendo os poemas nos minissaraus realizados, dramatizando e produzindo seus próprios poemas, confeccionando cartazes que foram expostos na escola, além de contribuírem com os debates relacionados às leituras levadas pelos mediadores, o que é de extrema importância, pois entendemos que a aprendizagem se dá por meio dessas relações interativas que estabelecemos na sala de aula.

A mudança de comportamento foi nítida. Observamos que não tínhamos apenas alunos comportados como, também, interessados em contribuir com as nossas mediações, diferentemente do primeiro semestre, visto que a maioria dos educandos só manuseava o aparelho celular e mantinha conversas paralelas atrapalhando os poucos que tinham interesse em participar. Acreditamos que selecionar bem o texto a ser trabalhado também é fator condicionante para a realização de uma ótima mediação de leitura.



## Considerações finais

Refletir sobre a atual realidade escolar do município de União dos Palmares, no que diz respeito à formação de leitores, é perceber o quanto o trabalho de alguns educadores, no âmbito da leitura, não está sendo eficaz. Infelizmente ainda temos professores presos a uma pedagogia tradicional que impõem a leitura em vez de trabalhá-la de forma livre, isto é, uma leitura por prazer, levando em consideração o mundo do aluno e possibilitando que este habite e conheça outros mundos. A imposição da leitura apenas contribui de maneira significativa para o desencanto que culmina no crescente número de educandos que não gostam de ler.

Está posto o impasse que encontramos ao trabalhar com uma turma numerosa repleta de alunos desprovidos de qualquer interesse pelo ato de ler, entretanto os resultados positivos foram surgindo, a cada mediação era a surpresa de mais um aluno querendo contribuir com nossas atividades. Os textos curtos e longos, vídeos que levamos para as nossas viagens literárias não fugiram da realidade dos educandos. Entendemos que o aluno precisa se identificar com o que está sendo apresentado se quisermos instigar a vontade de ler dentro e fora de nossas mediações. Geralmente os textos oferecidos em sala de aula são unicamente para análises gramaticais e as nossas mediações acabaram rompendo um pouco com essa rotina.

Com base em nossas atividades, ficou perceptível o grande desafio de ser educador e do imenso trabalho que envolve formar alunos leitores e, conseqüentemente, pensantes. Já sabíamos, em teoria, que o trabalho docente é sempre contínuo, a novidade foi fazer parte dos problemas de uma sala de aula superlotada com alunos, em sua maioria, fora de faixa e com nenhum interesse em contribuir com o professor. Não esquecemos de ressaltar que com as mediações não foram só os alunos que aprenderam assuntos novos nos mágicos passeios pelos textos, mas nós também, graduandos e graduados dos cursos de Letras e Geografia, visto que adquirimos experiências em todas as atividades.



## Referências

BELLENGER, Lionel. *Os métodos de leitura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler* – 46.ed. São Paulo: Cortez, 1991.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt. et al. *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. 9.ed. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2011.

